Goodyear NEWS

Estafeta da Comunicação na Formação

Nº 10 | MAIO/JUNHO 2012

CORPO NACIONAL DE ESCUTAS

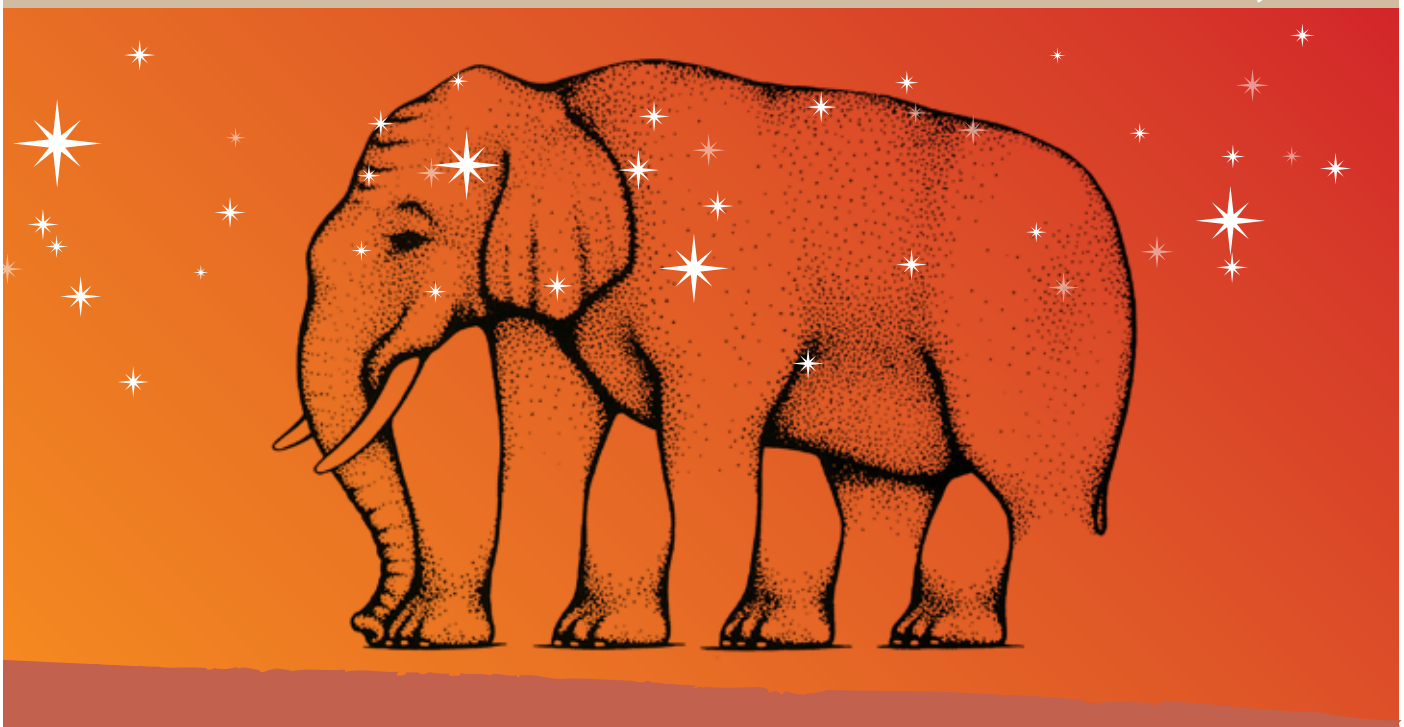
"Não tenhas medo! Doravante serás pescador de homens."

(Lc 5, 10)

"O símbolo de São Pedro pode ser a base de um discurso que apela à ligação à finitude e à debilidade humanas de qualquer caminho de salvação ou de sentido. Esse será, quanto a mim, o modo pertinente – não supérfluo – de falar dele aos jovens, referindo-o ao seu contexto cultural e existencial."

Prof. João Duque

Ilustração: José Emídio (pintor)



Editorial

Pensar é… desconstruir a realidade

Carlos Nobre
Castor inteligente

Ser líder é uma opção. Uma opção primeiramente do próprio mas também de quem escolhe. Alguma vez, nós, os líderes (especialmente no C.N.E.), paramos para pensar na responsabilidade que assumimos quando decidimos ser líderes? Fazemos opções voluntariamente por ser as mais diversas coisas: cônjuges, pais, voluntários numa associação, dirigentes (por exemplo do C.N.E), chefes… Nas empresas, os nossos colaboradores passam quase metade do dia a trabalhar e a viver no ambiente que nós, líderes, criamos. Ninguém nos obriga a aceitar essas funções, somos nós que as queremos, e… até as podemos deixar voluntariamente! Já paramos alguma vez, então, para pensar sobre o impacto que exercemos na vida das pessoas que lideramos?

Às vezes, confundimos liderança com gestão. De facto, podemos gerir o tempo, materiais diversos, bens móveis ou imóveis, inventários, contas bancárias… os mais diversos recursos. Até nos podemos gerir a nós próprios. Mas, não se pode gerir seres humanos. Gerem-se coisas, lideram-se pessoas!

E então, o que é liderar? "Liderança é a capacidade de influenciar as pessoas para trabalharem de forma entusiástica, de modo a serem atingidos os objectivos identificados que têm em vista o bem comum."[1]

Exercer o poder desta forma não é coagir ou forçar o outro. Isto até pode resultar durante um tempo, mas rapidamente se torna inadequado e ineficaz. Antes, exercer o poder daquela forma, isto é, liderar, exige autoridade, aquela capacidade de influência pessoal que faz as pessoas fazerem as "coisas", voluntariamente!

É que, às vezes, temos a ideia que somos "donos das pessoas", especialmente no mundo profissional, e é preciso também dizê-lo, no mundo do voluntariado (em movimentos como o C.N.E.). Podemos comprar mãos, braços, presenças, apoios, serviços, tempo, tanto com dinheiro, como com outros incentivos, quer no mundo do trabalho quer no voluntariado. Mas, as pessoas são livres, continuam a ser livres, podem aceitar ou rejeitar, podem sempre decidir. E, quanto à sua interioridade, ao seu coração e à sua mente? E, quanto à sua criatividade, às suas ideias, ao seu empenho? Pode-se mandar alguém ser excelente ou ser criativo? Caricato, não é? É que isto só voluntariamente é que se dá!

Mas, voltemos atrás. Qual é o impacto que exercemos nas pessoas que lideramos? Em concreto, no C.N.E.? E, na Formação de Adultos? É que os voluntários só aderem a uma qualquer associação se essa responder às suas necessidades e expectativas. E, se o poder, se exercido como tal, degrada as relações, a verdadeira liderança é capaz de não só conseguir os objectivos, como de construir relações e relações duradouras. É que sem "pessoas" não há voluntários!

O segredo, todos o conhecemos, é a confiança. É este o cimento, é a cola de todo este edifício. Mas, a confiança obtém-se, quando se é digno de confiança! E, ter este comportamento é sempre uma opção!

(1) James C. Hunter in Servir para Liderar, Gestãoplus Edições, 2006

Enforma

27 e 28 de Outubro de 2012

Vila Nova de Milfontes – Região de Beja

Inscrições: até 15 de setembro

"Para que o caráter de um ser humano revele qualidades verdadeiramente excecionais, é preciso ter a sorte de poder observar os seus atos durante muitos anos. Se esses atos forem desprovidos de todo o egoísmo, se o ideal que os conduz resulta de uma generosidade sem par, se for absolutamente certo que não procuram recompensa alguma e se, além disso, ainda deixam no mundo marcas visíveis, estamos então, sem sombra de dúvida, perante um caráter inesquecível."
Jean Giono, in "O Homem que Plantava Árvores"

Vem Plantar Árvores Connosco!

Cada um pode ser a semente da formação no CNE

Para lá da cerca

São Pedro - como falar dele aos jovens

Prof. João Duque
Universidade Católica - Braga

Falar aos jovens constitui um desafio muito próprio. Habitualmente considera-se que é necessário ir ao encontro dos seus desejos, para que escutem com interesse. Mas a questão é mais complexa. De facto, um discurso que apenas seja eco dos desejos dos jovens – sé é que se podem definir esses desejos, de modo assim tão genérico – é, em última instância, um discurso supérfluo, pois apenas repete o que já existe, eventualmente confirmando-o. Mas os jovens – tal como os adultos, embora talvez de modo especial – necessitam de uma palavra interpeladora, pois encontram-se num caminho de busca, que implica desinstalação permanente. São caminheiros por natureza, e a palavra que se lhes dirige não pode ser uma palavra de quietude, de confirmação, de convite ao descanso.

É certo, contudo, que a palavra dirigida aos jovens os deve atingir, tanto quanto possível, no seu mundo, isto é, nas circunstâncias que determinam o seu contexto experiencial. Essas circunstâncias são normalmente definidas como cultura juvenil – enquanto subsistema cultural, no interior do sistema cultural global de cada tempo. Ora, se uma das caraterísticas salientes – entre outras – do sistema cultural contemporâneo é a ligação existencial forte às tecnologias da comunicação, que constituem muito mais do que mero instrumento, é inquestionável que a cultura juvenil é, sem dúvida, o contexto mais marcado por essa relação.

Esse contexto cultural favorece um modo de estar no mundo que, através da virtualização das relações e das potencialidades (virtuais) dos recursos, tende a perder a noção dos limites, mesmo temporais e espaciais, distanciando-se da experiência de finitude e debilidade, que nos constitui como humanos, e ao mesmo tempo distanciando-se da referência a valores, construídos precisamente na relação real entre humanos. Se, no mundo virtual, tudo se pode realizar, na correspondência ao desejo sem limite, e tudo existe independentemente da sua avaliação – estando «para além do bem e do mal» (Nietzsche) – então a cultura atual, sobretudo a cultura juvenil, seria uma cultura sem noção do limite. Mas os humanos precisam de conhecer e experimentar o limite. E os jovens precisam de crescer e amadurecer a sua capacidade de relação à finitude das mediações humanas (mesmo institucionais). O símbolo de S. Pedro pode ser a base de um discurso que apela à ligação à finitude e à debilidade humanas de qualquer caminho de salvação ou de sentido. Esse será, quanto a mim, o modo pertinente – não supérfluo – de falar dele aos jovens, referindo-o ao seu contexto cultural e existencial. Para não falar de cor, proponho alguns tópicos da sua personalidade, que podem ser inspiradores, partindo dos textos da Escritura que os referem.

1. **Pedro é um homem simples.**
   O texto de Mc 1, 16 refere-o de modo inequívoco: "… viu Simão e André, seu irmão, que lançavam as redes ao mar, pois eram pescadores". Pedro pode, por isso, ser apontado como exemplo de pertença à comum e mais básica condição humana, na consciência da igualdade de todos, sem pretensões baseadas em construções sociais demasiado artificiais. A tendência das sociedades vai no sentido da estratificação social, segundo pertenças a grupos, a famílias, a detentores de poder, a capacidade económica, etc. A simplicidade de Pedro, sobre a qual assenta a vida da Igreja, é sinal de que todas as construções, ainda que às vezes inevitáveis, são secundárias e não podem esconder a comum pertença a uma condição pobre, débil, mortal, de todos. E os pobres reais são aqueles que mais próximos estão da experiência real dessa condição. Também no mundo virtual das tecnologias se constroem relações estratificadas, não só já pela capacidade diferente de acesso às próprias tecnologias, mas porque nos mundos virtuais se fazem refletir desejos de domínio e de poder, que no caso da virtualidade, não conhecem limites, porque nem sequer conhecem a oposição ou a resistência dos dominados. S. Pedro, homem simples, recorda-nos a simplicidade básica de todos nós, que nunca podemos perder do horizonte, caso contrário afastamo-nos cada vez mais da nossa humanidade.

2. **Pedro é um homem «impulsivo» e «débil».**
   É o que nos revela o texto de Mc 8, 32: "Mas Jesus… repreendeu Pedro, dizendo-lhe:… os teus pensamentos não são os de Deus mas dos homens"; ou então, em Mc 14, 29: "Pedro disse: mesmo que todos venham a abandonar-te, eu não… mesmo que tenha de morrer contigo, não te negarei"; ou em Mc 14, 37: "Simão dormes? Nem uma hora pudeste vigiar?"; ou ainda em Mc 14, 66: "Mas ele negou dizendo: não sei nem entendo o que dizes". Como qualquer humano que assume a sua debilidade própria, Pedro coloca questões, quando tem dificuldade em compreender; chega mesmo a negar aquilo em que acredita, simplesmente por medo; mas admite essa debilidade, não tendo problema em chorar sobre aquilo que fez. Não corresponde, pois, ao ideal do herói perfeito, detentor de poder infinito, tão representado no cinema de divulgação em massa. Esse ideal do herói todo-poderoso, que habita os jogos em que vive grande parte dos jovens de hoje, corrói a pertença à débil condição humana, provocando desajustes entre idealidade e realidade, que podem ir até à perturbação psíquica. Pedro é, pois, uma escola de realismo e de humildade.

3. **Pedro é um homem corajoso e honesto.**
   Pelo testemunho dos textos de (Act 4, 18; 5, 27) e de (Act 8, 18), percebemos que, no seio das mais diversas tentativas de manipulação, Pedro não cede, mantendo o serviço à verdade como norteador incondicional: O facto de ter sido afetado pelo medo e de ter pecado, não retira a Pedro o seu amor pela verdade, a todo o preço. É certo que o assume, de modo claro, depois de animado pelo Espírito de Deus. Mas isso demonstra que a debilidade humana é capaz desse compromisso. Porque nem tudo vale, mesmo que as possibilidades virtuais da tecnologia sejam infinitas. Também aí, o mundo dos humanos é marcado pela verdade e pela mentira. A opção clara pela verdade implica crescimento em humanidade e em valores. Isso exige, evidentemente, a capacidade de resistir a todo o tipo de suborno, mesmo ao desejo de felicidade a todo o preço. Os meios de manipulação e os aliciantes da satisfação do desejo são hoje mais subtis, por vezes mesmo simulando o contrário. Mas a exigência de verdade é a mesma. O que se exige, eventualmente, é maior atenção aos contextos em que a verdade possa ser de tal modo dissimulada, que já não se percebe a distinção em relação à mentira.

4. **Pedro é um líder conciliador,** assente na humanidade da relação, mesmo sem elevada preparação intelectual. Por isso, ele assume-se como representante de toda a Igreja e não só da hierarquia incipiente (cf. Mc 8, 27). Preocupa-se com a resolução de problemas (cf. Act 5), para evitar os conflitos entre os membros da Igreja. Está aberto aos pagãos (cf. Act 10, 34; 15, 7), o que na altura implicava uma opção muito significativa, em relação à tendência fechada do mundo judaico. Assume, portanto, como humano e como cristão, também como cristão com tarefas especiais na comunidade eclesial, a postura de vigilância, como responsabilidade pelos outros (cf. 2Ped 3, 3). É, pois, o símbolo do cristão como humano atento aos outros humanos, às realidades quotidianas dos pequenos problemas em que se tecem as relações reais entre as pessoas. Não se refugia em mundos abstratos ou ideais, eventualmente em mundos distantes do quotidiano das pessoas. Estamos, de novo, perante um testemunho de relação às situações concretas, mesmo e sobretudo as mais difíceis, sem fugas à responsabilidade, eventualmente em belos mundos construídos virtualmente.

5. Por último, se acolhermos uma tradição que atribui a Pedro o martírio na cruz, crucificado de cabeça para baixo, revela-se-nos aí a atitude do servo humilde, que dá a sua vida pelos outros. Realiza, nesse gesto supremo, aquilo que de mais profundo pode realizar um ser humano: a dádiva humilde da sua vida pela verdade, como dádiva da vida aos outros, tal como o mestre. O caminho da cruz, como caminho do cristão, enquanto dádiva de amor – e não enquanto masoquismo pervertido – é, sem dúvida, o único caminho de salvação, tão incontornável como escandaloso. A relação à morte, como possível fonte da vida, não é fácil de enquadrar numa cultura com medo de morrer, que procura soluções para esse desfecho, nas mais estranhas construções ilusórias. Pedro pode falar da morte aos jovens, da nossa condição mortal, também da nossa condição de sofredores, e da possibilidade de vislumbrarmos nessa condição um caminho de vida, que abre as portas da esperança possível. Uma esperança exigente, não a ilusão fácil de uma solução enganosa. Só essa poderá ser a verdade de uma autêntica palavra aos jovens, que valha a pena e não seja mero bronze que ressoe.

Naquele tempo…

O que é que os Apóstolos descobriram no túmulo de Jesus?

Ariel Alvarez Valdés,
in *Enigmas da Bíblia, Novo Testamento,* Difusora Bíblica, 2005

O "roubo" do cadáver

Na madrugada do Domingo de Páscoa, uma notícia trágica sacudiu o grupo dos discípulos de Jesus: *"O cadáver do Mestre desapareceu do túmulo! Roubaram-no!"*

Segundo S. João, foi Maria Madalena quem fez esta descoberta e deu o alarme aos outros discípulos. O relato diz assim: *"No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao sepulcro, de madrugada, quando ainda estava escuro e viu que a pedra que selava o sepulcro estava fora do sítio. Saiu correndo, foi ter com Simão Pedro e o discípulo que Jesus amava e disse-lhes: 'Levaram o Senhor do sepulcro e não sabemos onde o puseram'"* (Jo 20, 1-2).

Maria Madalena, vendo que o cadáver não estava no sepulcro, pensou que o tinham roubado.

Esta sensação de Madalena foi bem aproveitada pelos judeus uma vez que, como conta Mateus, eles fizeram correr o rumor que o corpo de Jesus tinha sido roubado (Mt 28, 1-15).

O primeiro crente do mundo

A questão é que os discípulos saíram correndo em direcção ao túmulo para comprovar se era verdade o que a mulher dizia. O Evangelho continua desta forma: *"Pedro e o outro discípulo, dirigiram-se ao sepulcro. Corriam os dois juntos, mas o outro discípulo corria mais que Pedro e chegou antes dele ao sepulcro. Baixou-se para olhar e viu que as ligaduras estavam no chão, mas não entrou. Pedro chegou atrás dele, entrou no sepulcro, viu as ligaduras no chão e, dobrado à parte, o sudário que lhe cobrira a cabeça. Então, entrou também o outro discípulo, o que havia chegado antes ao sepulcro, viu e acreditou"* (Jo 20, 5-8).

Este "outro" discípulo que foi com Pedro, cujo nome não conhecemos e do qual só se diz que era aquele que Jesus amava, converteu-se, assim, na primeira pessoa a acreditar na ressurreição. A seguir a ele virão milhões e milhões de seres humanos em todo o mundo, que também acreditarão na ressurreição de Jesus. Mas, foi ele quem nos precedeu e nos abriu o caminho para essa fé.

Contudo, há algo neste relato que nos intriga. O que é que o discípulo amado "viu" no túmulo do Senhor? O que é que o levou a "acreditar"? Porque motivo é que descartou a hipótese de roubo do cadáver e se convenceu que Jesus tinha ressuscitado?

Uma descoberta estranha

A única coisa que se podia "ver" ali, de acordo com o Evangelho, eram as ligaduras e as faixas mortuárias usadas para envolver o cadáver. O que é que tinham de especial? Umas estavam no chão e outras dobradas. Os ladrões podiam perfeitamente tê-las deixado ali antes de levar o corpo. Então, porque é que o discípulo amado "viu e acreditou"?

Não sabemos o que é que ele viu no sepulcro, porque o relato de S. João que citámos anteriormente, está mal traduzido em quase todas as Bíblias.

Com efeito, os exegetas afirmam que os tradutores cometeram vários erros ao descreverem a cena da entrada dos discípulos no túmulo. Temos de esclarecer três questões: a) que tipo de faixas eram; b) onde as viram; c) como as viram.

A múmia de Jesus?

A primeira coisa que os discípulos vêem ao entrar no túmulo são as "ligaduras" (em grego, *othonia*) (v.5). Com efeito, o Evangelho de S. João diz-nos que quando depositaram o corpo de Jesus no túmulo, usaram umas faixas para o envolver (Jo 19,40).

Isto pode levar-nos a pensar que o seu cadáver foi "enfaixado" dos pés à cabeça, com uma tira de tecido largo, como se fosse uma múmia egípcia. Contudo, esta forma de enterrar os corpos não corresponde ao costume judaico. As duas únicas personagens que aparecem embalsamadas deste modo são Jacob (Gn 50, 2-3) e seu filho José (Gn 50, 26), mas por um motivo lógico: ambos morreram no Egipto.

Por seu lado, os judeus nunca envolviam ninguém dessa forma. Vemos, por exemplo, quando Jesus ressuscitou o filho da viúva de Naím, diz-se que o Senhor tocou o féretro…, o menino recuperou a vida e começou a falar… (Lc 7, 14-15). O seu corpo não estava "enfaixado". O mesmo podemos constatar na ressurreição da filha de Jairo (Mc 5, 41-42), e na da jovem Tabita, ressuscitada por Pedro (Ac 9, 41-42).

As mãos e os pés de Lázaro

O único caso em que o cadáver aparece enfaixado é o de Lázaro (Jo 11, 44). Mas o texto esclarece que só as usaram para lhe atar os pés e as mãos, ou seja, os membros flexíveis, para facilitar o transporte do corpo. No caso de Jesus, tinham usado as faixas para envolver o corpo. Além disso, às ataduras de Lázaro, João chama-lhes *keirai* e não *othonia* como no caso de Jesus. O que eram então as othonia usadas para envolver o corpo de Jesus, se não eram faixas?

Othonia significa, na realidade, "lençol". Trata-se de um grande pedaço de tecido usado para cobrir todo o corpo de Jesus antes da sepultura. Desta forma, S. João concorda com os outros evangelistas que falam do *sindon,* que em grego significa também "lençol", com o qual envolveram Jesus.

A boca fechada de Jesus

O segundo objecto que os discípulos viram no túmulo foi o "sudário" (v.7). O que era o "sudário"? Deriva da palavra "sudor" e era um pequeno lenço que os judeus usavam para limpar o suor, objecto este que era muito comum na região onde o calor aperta e o sol do deserto faz suar constantemente.

Segundo os costumes judaicos, quando alguém morria, o sudário que tinha usado durante a vida, era utilizado para fechar a boca do defunto. Dobrava-se o lenço na diagonal, enrolava-se e passava-se por debaixo do queixo para depois o atar fortemente no alto da cabeça.

As Bíblias, lamentavelmente, costumam dizer que o sudário "cobriu" a cabeça do Senhor (v.7), o que dá a entender erradamente que o sudário cobriu o rosto de Cristo. Na verdade, deveriam dizer "rodeou" a cabeça, quer dizer, esteve colocado à volta do rosto, formando um anel de tecido à volta da cara. Como S. João afirma que o enterro do Senhor se fez "segundo o costume judaico" (19,40), podemos pensar que o sudário encontrado no túmulo desempenhava o seu papel habitual: manter a boca fechada.

O lençol

Os discípulos viram dois objectos no sepulcro: o lençol e o sudário. O que temos de perguntar agora é o seguinte: como os viram?

As Bíblias costumam dizer que o lençol "estava no chão" (v. 5), mas isto é outro erro de tradução. O texto original em grego fala de *keimena,* que significa *jazer,* estar estendido, na horizontal, caído, aplanado.

Portanto, o que S. João quer dizer é que Pedro e o discípulo amado encontraram o lençol estendido sem qualquer volume por baixo como se o corpo se tivesse volatilizado. As mortalhas fúnebres tinham caído sob o seu próprio peso, no mesmo lugar onde antes tinha estado o cadáver.

Se o lençol tivesse sido atirado ao chão, como dizem as Bíblias, o mais lógico teria sido pensar que alguém tinha roubado o cadáver. Outra possibilidade seria a de pensar que Jesus não tivesse estado de facto morto e, depois de algumas horas, tendo retomado a consciência, tivesse tirado o lençol e saído de qualquer forma do sepulcro, deixando o lençol no chão. Porque motivo, então, é que o discípulo amado ia "acreditar"?

Uma cabeça ausente

Falta saber como encontraram o sudário. As Bíblias dão duas indicações: que o sudário não estava junto ao "lençol" e que "estava dobrado". Trata-se novamente de uma má tradução.

A primeira frase, em grego, não diz que "não estava junto ao lençol", mas que "não estava estendido como o lençol". A segunda palavra não significa "dobrado" mas "enrolado". Fica assim claro o que é que o evangelista queria dizer. O sudário, que antes havia estado à volta da cabeça de Jesus, não estava estendido, "alisado", como o lençol. Não o haviam desatado. Continuava enrolado e conservando a sua forma ovalda, como se continuasse a rodear a cabeça de Jesus, que já não estava ali. Se o corpo tivesse sido roubado, o lenço teria que estar noutras condições. Pelo contrário, continuava enrolado, tal como o haviam deixado na tarde em que enterraram Jesus.

Um lugar curioso para ficar

Falta, agora, a terceira e última questão: onde é que os apóstolos viram o lençol "alisado" e o sudário "enrolado"?

Não se diz o que quer que seja acerca do lençol. Já vimos que a expressão "no chão" era uma tradução que era necessário substituir por "alisado". Portanto, devemos supor que o lençol estava no mesmo lugar onde o tinham posto no dia do enterro.

Acerca do sudário, temos uma indicação importantíssima. Lamentavelmente, as Bíblias dizem que "estava num lugar à parte", expressão esta que não nos permite entender bem o significado do texto. Na realidade, o texto grego diz "no seu próprio lugar". Portanto, S. João quer dizer que o sudário, além de estar enrolado, continuava no mesmo lugar, ocupando o espaço onde antes tinha estado a cabeça de Cristo.

A intenção de S. João

Agora sim, com estes esclarecimentos, podemos apresentar uma tradução mais correcta do texto evangélico: *"Saíram, Pedro e o outro discípulo, dirigindo-se ao sepulcro. Corriam os dois, mas o outro discípulo corria mais que Pedro e chegou antes ao sepulcro. Baixou-se para observar e viu que o lençol estava alisado mas não entrou. Atrás dele chegou Simão Pedro, entrou no sepulcro e viu o lençol alisado; e o sudário que esteve à volta da sua cabeça, não alisado como o lençol mas no seu próprio lugar. Então, entrou também o outro discípulo, o que havia chegado antes ao sepulcro, viu e acreditou"* (Jo 20, 5-8).

Fica assim perfeitamente claro aquilo que os dois discípulos puderam contemplar ao entrar no túmulo vazio. Todas as coisas estavam no lugar onde tinham sido postas na sexta-feira à tarde. Só que o lençol estava estendido e o sudário que tinha rodeado a cabeça de Jesus continuava enrolado, formando um pequeno alto debaixo do lençol, no mesmo lugar onde tinha estado a cabeça de Jesus.

Que aconteceu a Pedro?

Fica ainda uma questão por resolver: porque motivo é que Pedro, que viu no sepulcro o mesmo que o discípulo amado, não acreditou? Porque motivo é que esta disposição das mortalhas fúnebres, suscitaram apenas a fé do discípulo amado?

Não sabemos. Provavelmente, S. João quis sugerir que, ao ser o discípulo amado o único que esteve ao pé da cruz (Jo 19,26), e logo o único que presenciou o enterro e a forma como tinham deixado o cadáver, era o único que estava em condições de constatar, no Domingo de manhã, que tudo estava como tinha sido deixado, excepto o corpo do Senhor.

De qualquer forma, convém deixar bem claro que a disposição das mortalhas de Jesus, de acordo com o relato de S. João, não constitui uma verdadeira "prova" da ressurreição: a ressurreição não se pode comprovar. Só se pode acreditar nela, quer dizer, aceitá-la à luz da fé. A disposição das mortalhas é só um "indício" da ressurreição. Este indício pode ser aceite ou rejeitado. Só a fé nos leva a pensar que Jesus ressuscitou.

A vida entre as mortalhas

Naquela manhã de Domingo, Simão Pedro e o discípulo amado entraram no túmulo de Jesus e encontraram-no vazio. A única coisa que puderam ver foi um lençol estendido e um lenço enrolado, as últimas roupas de Jesus neste mundo.

Mas, no meio deste panorama vazio e desolador, o discípulo amado acreditou. Acreditou ver uma centelha de Vida nova entre aquelas mortalhas. Acreditou ver Alguém levantado entre aqueles objectos. Viu mortalhas que prendiam e acreditou em Alguém que caminhava. Viu despojos de morte e acreditou na Vida. Viu a tristeza de um túmulo e acreditou na alegria da ressurreição. Por algum motivo era ele o discípulo amado de Jesus.

Também hoje os discípulos de Cristo devem caminhar num mundo muitas vezes semelhante a um túmulo, onde vêem despojos, mortalhas e sinais de morte por todo o lado, onde o vazio e a solidão gelam o entendimento. Mas, é a eles que cabe descobrir nesses sinais de morte, os sinais de Vida. São eles que devem acreditar que neste ambiente sepulcral do mundo existe uma força misteriosa e sempre nova que os convida à esperança, que ali mesmo se ergue vitorioso Cristo ressuscitado, vencedor do mal e da morte. E, tal como o discípulo amado, devem saber gritá-lo.

Excertos...

Fernando Andrade
Lobo Malhado

Sempre que se fala da fraternidade, do amor, da partilha, existe um ponto que é preciso não esquecer, é a importância da educação e do testemunho. As crianças, que, são pressionadas entre a auto-suficiência e a comunhão, escolherão privilegiar muitas vezes uma ou outra destas vias em função da educação que tiverem recebido. Pela educação não entendo apenas o ensino dos bons princípios (tem que se fazer isto, não se faz aquilo), mas acima de tudo a transmissão do testemunho dos pais em favor da partilha, da generosidade, da fraternidade. As crianças são extremamente sensíveis àquilo que é vivido, ainda muito mais do que ao que é dito. E elas percebem perfeitamente a discrepância entre o dizer e o fazer. Quantas vezes ouvi eu as crianças e os adolescentes responderem aos seus pais que lhes exigiam alguma coisa mais difícil: «Porque é que tu não o fazes também?» De nada serve falar a estas crianças da necessidade da partilha, do respeito do outro, do amor fraternal, se nós próprios não dermos o exemplo (…)

O sentido da fraternidade adquire-se, portanto, na família.

Transmite-se mais pelo exemplo do que pelas belas palavras. Será preciso também que toda a sociedade a cultive e ponha em prática de modo que ela seja cada vez mais bem respeitada. Quantos políticos nos moralizam acerca da necessidade da partilha que só têm a palavra «solidariedade» na boca, mas nunca se deram ao trabalho de arregaçar as mangas para ajudarem aqueles que precisam dela. Esses dadores de lições são tão pouco credíveis, aos olhos dos cidadãos que somos nós, como os pais aos olhos dos seus filhos se eles não derem o exemplo. E é precisamente uma das grandes dificuldades próprias das nossas democracias. Nós somos, com efeito, confrontados por uma crise de representatividade. Não que os eleitores não acreditem mais nos valores do sistema democrático, mas a classe política perdeu a sua credibilidade junto dos eleitores por não dar o exemplo daquilo que é pedido aos cidadãos, a começar pelo respeito da lei. Ora, se o exemplo da honestidade, da justiça, da generosidade, da abnegação não vierem do topo do Estado, é toda a sociedade que fica condenada a portar-se mal. E os encantamentos daqueles que nos convidam a fazer esforços para criar em conjunto uma sociedade mais justa e solidária perder-se-ão desde logo na indiferença, ou na cólera, daqueles que sabem o quanto estas palavras significam na prática. O advento de uma sociedade mais fraterna passa não só pelo exemplo dos pais, mas também pelo exemplo concreto dos educadores, dos homens políticos, dos jornalistas. A sua responsabilidade é pesada. Quantos são os que hoje o assumem?

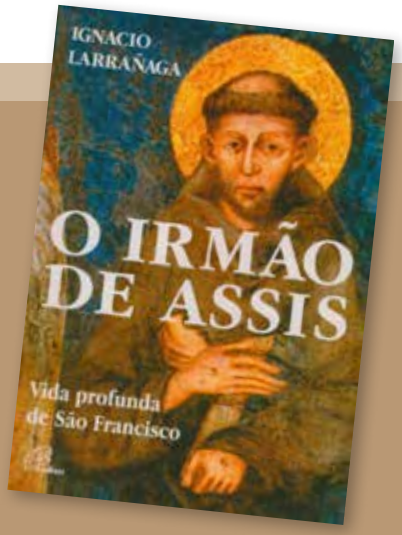
Despertou-te interesse este excerto?
Fala de algo que conhecemos.
De que livro terá sido retirado?
No próximo número daremos a resposta.
Até lá, procura por ti mesmo!

Bibliografia

O Irmão de Assis *Vida profunda de São Francisco*

Ignacio Larrañaga

Edição Paulinas



Matilde Santos
Mocho paciente

"Hoje em dia, nos livros sobre S. Francisco, há uma tendência para passar por alto a sua vida interior, sendo-nos dado em troca um longo rosário de episódios ao gosto actual. Francisco é-nos frequentemente apresentado à moda do dia, contestatário, *hippy,* padroeiro da ecologia, sem que haja geralmente a preocupação de se desvendar o seu mistério pessoal.
Parece-me que para apresentar S. Francisco ao homem de hoje não nos deveria preocupar tanto se o que ele fez ou foi está ao gosto da nossa época, ou quais das suas facetas correspondem às nossas inquietações: dessa maneira desfocamos S. Francisco e traímos o homem de hoje. O que é necessário e correcto é ver Francisco «por dentro», incluído no seu ambiente, e assim descobrir-lhe o mistério. Porque, sem dúvida, esse mistério será resposta para hoje e para o futuro. (…)

Como vemos num mundo secularizante, existe o perigo – e a tentação – de pretender apresentar ao mundo actual um Francisco sem Deus, ou um Deus em surdina, em tom menor. Nesse caso, Francisco começa a parecer uma maravilhosa marioneta capaz de acrobacias prodigiosas; mas isso cai pela base. Não se explica assim o mistério de Francisco.
Podem mostrar-nos passos da sua vida que comovam os românticos, episódios que encantem os hippies, antecedentes históricos que levam os ecologistas a considerá-lo como seu precursor: o mistério profundo de Francisco continua a não ser atingido, a não ser explicado. Basta abrir os olhos e olhar, sem ideias preconcebidas: desde o primeiro momento verificaremos que Deus é a força de coesão que ergue a personalidade vertebrada e equilibrada de Francisco de Assis."

Mais do que contar histórias, importa a nós, Formadores e Dirigentes, entrar na história de São Francisco, vê-lo por dentro, para poder discernir as razões das suas opções. Não é a história de São Francisco que se adapta à história de cada um de nós, mas sim o contrário; a nossa história constrói-se fazendo opções na radicalidade da verdade e da fidelidade, como fez o pobre de Assis. E se quisermos contar histórias de São Francisco, há que primeiro fazê-las nossas, perpassando o nosso interior pelo seu crivo, para que depois sim, possam ter o selo da autenticidade e interpelar quem as ouve. E não nos esqueçamos nunca que é Deus quem queremos "mostrar" aos Lobitos quando lhes falámos de São Francisco.

Nota rectificativa

Na rubrica Bibliografia da edição nº 9 da newsletter Goodyear, foi mencionado o nome de Joseph Ratzinger indevidamente. Pedimos desculpa pelo lapso.

Espírito de Gilwell

Fernando Andrade
Lobo malhado

1st Gilwell Park Scout Group

Como é sabido por todos os portadores da Insígnia de Madeira, anualmente, no primeiro fim-de-semana completo de Setembro, realiza-se a Reunião dos Portadores da Insígnia de Madeira, em Gilwell.

A próxima reunião, a ter lugar no Gilwell Park Scout Activity Centre entre os dias 7 a 9 de Setembro 2012, recordará uma vez mais o 1º Curso da Insígnia da Madeira que aí decorreu em Setembro de 1919.

Trata-se da 86ª reunião. Esta reunião realiza-se todos os anos - a única exceção foi durante os 4 anos da 2ª Guerra Mundial - durante o primeiro fim-de-semana completo de Setembro (a sexta-feira tem de ser em Setembro) e reúne normalmente cerca de 2000 adultos, aberto a dirigentes de todo o mundo.

Este ano o tema é a novidade como se pode depreender pelo logotipo escolhido para o evento. Será de certeza uma oportunidade única de compreender a dimensão mundial do Escutismo e durante todo o fim-de-semana experimentar diferentes aventuras, actividades e workshops.

Fica o convite para que todos os possuidores da Insígnia de Madeira possam desfrutar de mais esta oportunidade de visitar o 1st Gilwell Park Scout Group a que pertence por direito.

http://scouts.org.uk/reunion2012/cms.php?pageid=2689

Sentinela

Aprendizagem Experiencial: uma nova estrutura para uma Sessão de Formação

Francisco Rijo

Teorias da Aprendizagem

São por demais conhecidos e debatidos os contributos da psicologia educativa no que se refere às diferentes abordagens às Teorias da Aprendizagem, ou seja, a forma como o ser humano se apropria do conhecimento.

Estas teorias são naturalmente marcadas pelo conhecimento e correntes vigentes na época em que foram desenvolvidas, todas elas centrando-se todavia num elemento comum, ou seja, na interacção entre o indivíduo (aprendiz) e um estímulo/ambiente.

O Behaviorismo, também designado por Comportamentalismo, fundamentado na corrente filosófica do Empirismo (e.g. Locke e Hume), defende que o conhecimento tem a sua origem fora do indivíduo sendo então interiorizado através dos sentidos, logo o Formando actua sob controlo do estímulo. O indivíduo aprende pelo condicionamento.

A corrente filosófica do Racionalismo (e.g. Descartes e Kant), defende que a razão é mais poderosa que a experiência sensorial, que apenas capta uma aproximação da realidade, criando no indivíduo as percepções, logo defendendo que o estímulo é sujeito ao controlo do Formando. O indivíduo aprende pela construção de estruturas cognitivas.

Ora o Construtivismo, também conhecido por Cognitivismo, converge as duas correntes filosóficas (Empirismo e Racionalismo), pois considera que observação e razão não ocorrem uma sem a outra.

Portanto, e de acordo com vários autores, se o Construtivismo explica o Behaviorismo, já o contrário não se aplica, não havendo uma rejeição deste último mas antes a sua inclusão numa teoria mais ampla.

O Construtivismo defende, então, que o conhecimento resulta da interacção entre o objecto/ambiente e o conhecimento prévio que o indivíduo traz para a situação. O indivíduo age assim sobre o objecto, transformando-o quando o observa/interage.

E assim que está recordada em traços muito gerais a essência das teorias da aprendizagem, propomo-nos agora reflectir um pouco sobre a possível relação entre Métodos Pedagógicos e a sua articulação com as Teorias da Aprendizagem.

As Teorias e os Métodos de Formação

Os Métodos comummente considerados são, como sabemos, os Métodos Expositivo, Demonstrativo, Interrogativo e Activos, atendendo-se a esta tipologia critérios tais como o papel do formador e do formando no processo, o grau de autonomia do formando, o tipo de objectivos em causa e o tipo de competências a adquirir. Por outro lado, uma ideia bastante aceite é de que nenhuma Teoria de Aprendizagem é mais adequada para todas as situações de aprendizagem. Por exemplo, para um formador com alguma experiência, será fácil ou mesmo intuitivo associar situações de formação que impliquem a memorização, imitação ou reprodução de modelos aos fundamentos da Teoria Behaviorista, e situações que impliquem transferência, análise, desenvolvimento de projectos aos da Teoria Construtivista.

Outras ideias tacitamente aceites e que importam aqui salientar são:

- Os objectivos atingíveis a médio prazo, resultantes de actividades de aprendizagem complexas, implicam situações de aprendizagem pouco directivas, mais centradas no grupo e no indivíduo;
- Não é possível escolher uma actividade que respeite simultaneamente todos os estilos cognitivos dos formandos.

A articulação de uma sessão de formação, como tradicionalmente a conhecemos, compõe-se basicamente da sequência: Introdução – Explicação – Demonstração – Imitação – Prática - Confirmação, para objectivos do domínio Psicomotor, ou Introdução – Explicação – Prática (quando aplicável) – Confirmação, para Objectivos do domínio Cognitivo. Se este modelo se reveste de plena eficácia numa situação de aquisição de objectivos mais simples, onde se pretende uma automatização da resposta pela repetição do desempenho ou explicação fornecidas pelo formador, já em objectivos mais vastos e de carácter mais complexo, como por exemplo os objectivos de formação de cursos/dispositivos de formação avançados (e.g. quadros superiores) onde as experiências previamente acumuladas são fundamentais no processo de aprendizagem, a aplicabilidade deste modelo não é assim tão clara. Isto deriva do facto deste modelo tradicional se suportar nos conceitos que fundamentam a Teoria Behaviorista, influenciado por autores como Mager, Gagné, Tyler, entre outros, teoria que apesar de válida não é contudo, e como vimos, tão abrangente quanto a Construtivista, não fornecendo por isso todas as respostas aos problemas da Formação.

Impõe-se então perguntar, em termos práticos, que outro modelo pode ser aplicado em alternativa ao modelo tradicional de articulação de uma sessão de formação, que fundamentado nos princípios construtivistas e da aprendizagem de adultos dê resposta às situações de formação mais complexas, satisfazendo as necessidades formativas de cada indivíduo, respeitando as suas preferências quanto ao envolvimento em situações de aprendizagem?

Uma possível resposta reside pois na aplicação do Modelo da Aprendizagem Experiencial.

O Modelo da Aprendizagem Experiencial

Este modelo assenta nos estudos de David Kolb que em 1984 publica o seu modelo dos Estilos de Aprendizagem. Neste estudo, Kolb explica que cada pessoa prefere naturalmente um estilo de aprendizagem específico, havendo todavia uma tendência para que cada indivíduo, por via do seu desenvolvimento, com o tempo reconcilie e integre os diferentes estilos.

O modelo de Kolb permite entender, por um lado, os estilos individuais de aprendizagem, e por outro, o círculo de aprendizagem experiencial que se aplica a cada indivíduo de per si.

Assim, este autor sugere haver quatro modos diferentes de aprendizagem, que será tanto mais efectiva quantas mais fases do modelo forem percorridas.

Ciclo da Aprendizagem Experiencial

Este círculo de quatro estágios é iniciado por uma **experiência concreta** fornece uma base para **observações e reflexões.** Tais observações e reflexões, uma vez assimiladas, dão origem, por seu turno, a **conceitos abstractos,** produzindo novas implicações que poderão ser **activamente testadas,** criando assim novas experiências, numa espiral ascendente.

Ora a preferência do estilo de aprendizagem é na realidade o produto de dois pares de variáveis ou escolhas, que se apresentam como dois eixos contínuos, respectivamente:

- Contínuo de Percepção (eixo Norte-Sul): Experiência Concreta (SENTIR) – Conceptualização Abstracta (PENSAR)
- Contínuo de Processamento (eixo Este-Oeste): Experimentação Activa - (FAZER) - Observação Reflexiva (OBSERVAR)

Assim sendo, são inventariados quatro Estilos de Aprendizagem, como a seguir se indica e sobre os quais, como anteriormente explicado, recai a predisposição do indivíduo:

- Divergência (sentir e observar)
- Assimilação (observar e pensar)
- Convergência (pensar e fazer)
- Acomodação (sentir e fazer)

Estes estilos de aprendizagem caracterizam-se pelos traços indicados no seguinte quadro:

Estilo Aprendizagem	Características individuais
Divergentes ou Imaginativos	• Imaginativos, capacidade e sensibilidade para significados e valores • Aprendem reflectindo e pela construção de hipóteses • Gosto pela partilha de experiências
Assimiladores ou Analíticos	• Capacidade de raciocínio indutivo • Aprende reflectindo sobre ideias e levantando hipóteses • Valoriza os conhecimentos teóricos, dados e análise
Convergentes ou Senso Comum	• Capacidade para resolver problemas, tomada de decisão e aplicação prática • Aprende testando teorias e usando senso comum • Valoriza o envolvimento directo, prática e experimentação activa
Acomodadores ou Dinâmicos	• Capacidade para aplicar planos, agir e envolver-se • Aprende por tentaiva e erro, integrando e aplicando experiências • Valoriza o uso de novas aprendizagens

Articulação de uma Sessão de Formação

Com base no Modelo da Aprendizagem Experiencial de Kolb, uma sessão de formação poderá então articular-se em quatro tempos diferentes, de acordo com o diagrama que a seguir se apresenta:

Sentinela

Após uma introdução que situará o formando no tema e objectivo a discutir, segue-se a **"experiência concreta",** ponto de partida para as fases subsequentes. Esta fase poderá consistir na discussão em grupo, com base na partilha experiências sobre o assunto, apoiada, por exemplo, por um conjunto de leituras prévias criteriosamente escolhidas e previamente indicadas. Caso não exista experiência vivenciada, esta poderá ser criada pelo Formador. A discussão/experiência deverá ser conduzida e intervencionada com reformulações quando julgado necessário, de acordo com o objectivo da sessão, relevando a informação que importa destacar. Deste modo, a segunda fase da sessão consistirá na síntese da informação discutida e eventualmente na exposição de alguma informação adicional, não ultrapassando porém mais de cerca de 20% do tempo total da sessão.

A apresentação de um problema-tipo onde seja aplicada a informação adquirida é então a fase seguinte, ao que se segue a quarta fase, que se reputa de extrema importância, aquilo que a cultura anglo-saxónica tão bem exprime na expressão *"so what?"*. Esta fase facilita a transferência de saberes e procura possibilitar ao formando planear a aplicação dos saberes adquiridos às situações da vida real, interpelando cada formando ao que fazer com os saberes recém-adquiridos. Neste modelo, o Formador adoptará integralmente o papel de facilitador, na medida em que promove a aprendizagem colaborativa, fomenta a participação e envolvimento, cria experiências de aprendizagem, motiva, incentiva à interacção e promove a reflexão.

Tarefas de Facilitação

Por último, e porque a elaboração de um Plano Guia de Sessão (PGS) é fundamental enquanto instrumento de apoio do Formador e requisito formal para o processo de Acreditação, apresentamos de seguida uma sugestão adaptada à articulação de uma sessão de formação, de acordo com o modelo aqui apresentado:

Tema/Assunto:					Duração:
Condições Prévias:			Textos de Apoio:		
Objectivos:					
FASES	Objectivos/Finalidade	Tempo	Acções/Métodos	Recursos/Materiais	Observações
Introdução					
Reflectir na Experiência					
Assimilar e Conceptualizar					
Experimentar e praticar					
Planear aplicação					
Conclusão					
Referências:					

Note-se que uma sessão de formação deste tipo tende a conjugar vários métodos de formação e cada fase tem uma finalidade associada que concorre para o objectivo final.

À guisa de exemplo apresenta-se um PGS, simplificado, utilizado na preparação de uma sessão de formação sobre aprendizagem Experiencial.

OBJECTIVO	Aplicar o modelo da Aprendizagem Experiencial na preparação duma Sessão de Formação			
FASES	t	Objectivos	Acções/Métodos	Obs
Introdução	2'	Inserir assunto no modelo da tecnologia educativa		
Reflectir na experiência	15'	Induzir a importância dos estilos de aprendizagem, experiência, reflexão, aquisição. Prática e transferência numa acção de formação	Discussão	Questões orientadoras em slide
Assimilar e Conceptualizar	15'	Apresentar modelo da Aprendizagem Experiencial, processos e tarefas de facilitação	Exposição	Dar textos de apoio
Experimentar e praticar	20'	Relacionar técnicas de formação com fases do modelo Redigir obj/finalidades para cada fase	Exercício Individual	Proposta de Actividade 1
Planear a aplicação	10'	Detectar pontos fortes e fracos que possui para por em prática o modelo (o que tenho que desenvolver?)	Auto-avaliação	Proposta de Actividade 2

Resta-nos recordar que a aplicação de um instrumento, qualquer que ele seja, não é mais do que um meio para atingir um determinado fim e não o fim em si mesmo. Daqui resulta que o bom senso e a experiência reflectida são atitudes fundamentais para continuamente repensar a acção e atingir objectivos de forma eficaz e com altos padrões de qualidade, na certeza de que tudo aquilo que for feito para tornar a formação num espaço/momento envolvente e motivador, não só pela valorização das experiências vividas pelo formando, como também pela promoção da reflexão e consequente distanciamento dos processos, constituir-se-á indubitavelmente como factor de progresso e desenvolvimento.

Bibliografia

KOLB, David A., *Experiential Learning – experinece as The Source of Learning and Development,* Prentice Hall, New Jersey, 1984

KNOWLES, Malcom S., et al, *The Adult Learner,* Fifth Edition, Butterworth-Heinemann, Houston, 1998

BROOKS-HARRIS, Jeff E.; STOCK-WARD, Susan R., *Workshops – Designing and Facilitating Experiential Learning,* SAGE Publications, Thousand Oaks, 1999

SPRINTHALL, Norman A.; SPRINTHALL, Richard C., *Psicologia Educacional,* McGraw Hill, Alfragide, 1990

PINHEIRO, João; RAMOS, Lucília, *Métodos Pedagógicos,* IEFP, "Colecção Aprender", Lisboa, 1996

CAP I Secção

Parceria Região de Braga / Região do Porto

José Salgado
Lobo branco

Está a decorrer no CEF – Campo Escola de Fraião em Braga o CAP I Secção. É o primeiro curso que a Região de Braga organiza em parceria com a Região do Porto. O curso teve inicio em março e tem sido uma experiencia muito agradável, tanto para a Equipa de Animação como para os formandos.
A Equipa de Animação é constituída pelo Diretor de Curso José Salgado - Braga, Diretor de Curso Adjunta Madalena Pacheco - Porto, Assistente de Curso Padre Henrique - Braga, Sofia Ferreira - Braga, Rodrigo Cunha - Braga e Diogo Moreira - Braga. O curso tem 20 formandos, 7 formandos da Região do Porto e 13 formandos da Região de Braga.

Enquanto Equipa de Animação tentamos estruturar o curso de forma a motivar os dirigentes para a importância das diversas UF´s que compõe o mesmo, e dinamizá-lo no sentido de contemplar uma componente mais prática, possibilitando ao formando uma aprendizagem experiencial e, simultaneamente, levá-lo a um processo de reflexão, para que os conceitos teóricos e abstratos se possam integrar com a experiência prática.

Um imaginário

Tendo isto em conta, criamos um imaginário que suportasse esta estrutura - *A História de uma Semente.*

Decorriam os 10 dias do mês de março de 2012. Eram perto da 10:00 horas da manhã e viam-se apenas vasos de barro. Não que o barro seja um material menor, ou que a forma do vaso seja ela pobre; pelo contrário, o vaso apresenta-se como um ambiente seguro para que qualquer semente cresça e fortifique. O vaso apresenta-se como uma muralha que protege dos perigos, como o local onde a semente se desenvolve. Com a ajuda daquele, esta toma o rumo certo, encontra o local que precisa para crescer. O vaso é o aliado mais fiel da semente!

Mas a semente sentia que sozinha com o vaso não teria sucesso. Precisava de algo mais, algo que lhe desse os nutrientes necessários para que crescesse e fortificasse. Precisava de TERRA fértil! Essa TERRA dar-lhe-ia a força necessária para se tornar forte e saudável. E assim foi, a semente aliou-se ao vaso e ambos foram numa viagem na procura da melhor TERRA. Pois, a semente quer ser mais do que somente semente…

Ora, com o VASO e a TERRA a semente sentia que iria crescer muito, mas de repente pensou:
"Eu serei nova e frágil. Como poderei crescer segura sem algo que apoie o meu crescimento e me oriente? Que me guie e me ajude a ganhar confiança?"
Assim, a semente percebeu que precisava de algo mais, uma estaca, uma vara sobre a qual pudesse subir, apoiar-se e crescer segura!
Então, a SEMENTE, o VASO e a TERRA seguiram caminho e procuraram um aliado, uma VARA! A Vara iria EDUCAR o crescimento da Planta!

Feliz a SEMENTE exclamou:
- Posso, finalmente lançar-me à terra e crescer!
Mas a vara afiançou:
- Oh Semente, eu sozinha nada posso fazer por ti! Precisas de algo que te segure a mim mesmo nos momentos mais difíceis. Algo que nos una para sempre, algo que partilhemos sem receios, algo que vá para além de nós mesmos. Se quiseres tenho três amigas que nos podem ajudar, são as trigémeas AMARRAS!
A semente pensou:
"De facto a Vara tem razão, sem elas não terei sucesso! Posso até nascer, crescer e tornar-me maior, mas sem elas estarei exposta a todos os perigos e facilmente vacilarei! As AMARRAS serão um apoio fundamental na minha Caminhada!
Tudo corria bem na vida da semente. Estava finalmente pronta para aquilo para que tinha nascido. Tudo estava no sítio certo!
Mas, sozinha no seu recolhimento, a semente sentia-se triste. Havia algo naquele processo que faltava! Sentia um vazio, trevas no seu coraçãozinho de semente! De repente exclamou:
- LUZ!!! Sem LUZ não conseguirei crescer! A luz é o maior dos segredos de qualquer Planta! É a LUZ que eu preciso a cada dia da minha vida!

E desta forma, sentindo que AGORA SIM, tudo estava certo, a semente deixou-se envolver na TERRA, que estava dentro do VASO, para que pudesse MORRER e, dessa forma, tornar-se numa nova PLANTA. O seu crescimento iria ser orientado pela VARA, à qual se deixaria ligar pelas AMARRAS, desfrutando a cada dia da sua vida da LUZ!, a LUZ que vem do CÉU e que, não raras vezes, se faria acompanhar pela ÁGUA da chuva que a faria crescer e frutificar. Essa planta, um dia irá dar semente e, ela própria, será VASO, TERRA ou VARA sobre a qual outras sementes nascerão…

Formadores

Pelo curso têm passado diversos Formadores da Região de Braga e da Região do Porto que, com a sua experiência, têm proporcionado uma qualidade apreciável a este CAP I Secção. Queria aproveitar para agradecer à minha Equipa de Animação que tem feito um trabalho fabuloso e a todos os Formadores que me têm ajudado a levar a cabo este curso e que são muitos. A todos eles os meus agradecimentos.
Estamos na reta final do CAP I Secção, faltando apenas a Atividade Típica da Secção - a Caçada, que será realizada na Região do Porto.

Para finalizar gostaria de dizer que com este CAP I Secção, pretendemos trazer alguma inovação à formação, não só no sentido de melhor responder às expectativas individuais dos formandos, mas também às necessidades dos Agrupamentos, Núcleos e Regiões. Ainda há muito que caminhar para termos na liderança das nossas Unidades Dirigentes bem formados, capacitados para responderem com eficácia às exigências dos nossos jovens de hoje. O cargo de Chefe de Unidade é, porventura, o mais visível, exposto e digno neste investimento de trabalhar com os jovens.

Recursos
Formar nº 78

Olga Oliveira Cunha
Tigre persistente

Foi já publicada a revista "Formar", nº 78, referente ao primeiro trimestre de 2012. Revista da responsabilidade do IEFP, este número apresenta alguns artigos bastante interessantes para a nossa atividade enquanto formadores.
Dos diversos artigos, saliento sobretudo "Criatividade para a formação", de Ana Solange Leal e "Edição de vídeo *online* com Stroome" de Fernando Ferreira.
Um aviso final, a revista vai ser fundida com a outra revista do IEFP, "Dirigir", já a partir de Junho, pelo que solicitam a todos os assinantes que enviem os seus dados (nome completo, numero de assinante e morada) para **diriformar_revistas@iefp.pt.**
Para quem desejar ser assinante, basta enviar os dados pessoais para o mesmo mail.
A revista é gratuita e tem sempre artigos interessantes.

Agenda
Cursos de âmbito nacional

CCF

5 a 7 de Outubro 2012

Directora
Maria José Nobre Leote

Casa São Nuno
Fátima

CAF

5 a 7 de Outubro 2012
10 e 11 de Novembro 2012
19 e 20 de Janeiro 2013

Directora
Maria de Lurdes Violante Ferreira Gameiro

Casa São Nuno
Fátima

CDF

5 a 7 de Outubro 2012
10 e 11 de Novembro 2012
19 e 20 de Janeiro 2013

Directora
João Miguel Marques da Costa

Casa São Nuno
Fátima

CAR

8 e 9 de Dezembro 2012
19 e 20 de Janeiro 2013
13 e 14 de Abril 2013

Directora
Maria Helena Araújo Vieira Pereira Guerra

Vila Viçosa
Domus Carmeli / Fátima
Linhó / Sinta

CORPO NACIONAL DE ESCUTAS
Escutismo Católico Português

Equipa Nacional dos Adultos

www.cne-escutismo.pt

Goodyear NEWS

Equipa Goodyear:
Carlos Nobre, Matilde Santos,
José Carlos Pinheiro, Fernando Andrade.
Design gráfico: Pedro Botelho

goodyear@cne-escutismo.pt

Colaboraram nesta edição:
Carlos Nobre (Região do Porto)
Fernando Andrade (Região do Porto)
Francisco Rijo
Matilde Santos (Região do Porto)
Olga Cunha (Serviços Centrais)
E a participação especial do Prof. João Duque – Universidade Católica – Braga
Capa – participação especial do pintor José Emídio para esta edição